

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NÃO CONVENCIONAIS: METÁFORAS E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DE ARGUMENTOS¹

NONCONVENTIONAL ARGUMENTATIVE STRATEGIES: METAPHORS AND LINGUISTIC VARIATION IN ARGUMENT CONSTRUCTION

Fernanda Raquel Oliveira Lima, Doutorado em Linguística (UFJF), docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP/Campus São Paulo), São Paulo/SP, Brasil

Flavio Biasutti Valadares, Doutorado em Língua Portuguesa (PUC-SP), docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP/Campus São Paulo), São Paulo/SP, Brasil

RESUMO

O artigo propõe uma análise – a partir dos estudos da Teoria da Metáfora, dentro do amplo espectro dos estudos da Linguística Cognitiva, e da Sociolinguística Variacionista em seus estudos da 3ª onda – das estratégias argumentativas não convencionais, em especial, figuras de linguagem e variação linguística, no desenvolvimento da persuasão na letra da canção “Não existe amor em SP”, do *rapper* Criolo. Para isso, consideramos o plano global típico dos gêneros do argumentar – com questão polêmica, tese e argumentos –, apesar de o objeto de estudo ser um poema/música, e analisamos a quebra de imagens naturalizadas em figuras de linguagem funcionando como principal estratégia argumentativa não convencional. Concluímos que a desconstrução de metáforas culturalmente cristalizadas através da quebra de projeções metafóricas previsíveis funciona como uma sofisticada estratégia persuasiva ao desestabilizar conceptualizações naturalizadas, além de demonstrar a reverberação para escala comunidade de fala-comunidade de prática.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação. Metáfora. Figuras de linguagem. Variação linguística.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of nonconventional argumentative strategies, particularly, figures of speech and linguistic variation in the development of persuasion in the lyrics of the song “Não existe amor em SP” by the rapper Criolo. The study is grounded on the theoretical framework of Metaphor Theory within the broader field of Cognitive Linguistics, and on the Third Wave of Variationist Sociolinguistics. Concepts of metaphor and linguistic variation are employed to demonstrate how argument construction is used to prove the operation of the source and target domains, as well as their functioning within the social space – whether within a network, a specific group, or through the adjustment of social characteristics. As far as methodology is concerned, we categorized the typical global structure of argumentative genres – defending that the disruption of naturalized imagery through figures of speech works as the main nonconventional argumentative strategy. Data show that the deconstruction of culturally crystallized metaphors, by breaking predictable metaphorical projections, operates as a sophisticated persuasive strategy that destabilizes naturalized conceptualizations and reveals reverberations at the level of the speech community and community of practice.

KEYWORDS: Argumentation. Metaphors. Figures of speech. Linguistic variation.

¹Grupo de Estudos da Linguagem do Instituto Federal de São Paulo (GELIFSP).

INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante localizarmos que as estratégias argumentativas não convencionais, que fogem ao padrão estritamente lógico-racional, têm sido pesquisadas, no amplo âmbito da Linguística, sob diferentes perspectivas, inclusive de forma interdisciplinar, ora enfatizando o efeito social, ora o processamento cognitivo, a interação com outros modos semióticos *etc.* Nessa perspectiva, é possível cravar que há trabalhos em áreas de pesquisa ligadas à Linguística Textual, à Análise do Discurso, à Pragmática, à Linguística Cognitiva, além do campo da Retórica e Argumentação, ainda que na interseção dessas áreas.

Nesse sentido, nossa proposta, dentro de um campo variado de possibilidades analíticas, abarca, em especial, estudos da Teoria da Metáfora (Lakoff e Johnson, 2002 [1980]) – dentro do amplo espectro dos estudos da Linguística Cognitiva – e da Sociolinguística Variacionista em seus estudos da 3ª onda (Eckert, 2005), cuja ideia se ampara fundamentalmente na noção de escolha consciente do falante na construção de identidade para além do grupo local, para entender o uso de figuras de linguagem e variação linguística na construção dos argumentos de forma não convencional, a fim de que possamos demonstrar, à luz desses paradigmas teóricos, uma possibilidade de análise das estratégias de uso da linguagem para persuasão.

Posto isso, contextualizamos um breve histórico teórico-conceitual para que a cientificidade de nosso instrumento linguístico na análise esteja embasada. Nesse ponto, primeiramente, tratamos da Linguística Cognitiva, posta em marcha a partir de 1970, como movimento dissidente da Linguística Gerativa de Noam Chomsky. Nela, a concepção de cognição e de linguagem é abordada em termos de sua profunda relação com experiências corporais, sociais, culturais e históricas.

É nessa relação entre linguagem e experiência que se assentam as teses centrais da Linguística Cognitiva e é exatamente isso que nos indicará os caminhos para investigar a construção da argumentação no objeto de análise eleito para esta pesquisa, a música “Não existe amor em SP” (Criolo, 2010)², a partir de figuras de linguagem e, em especial, a desconstrução de metáforas culturalmente

² Lançada, em 2010, pelo *rapper* paulistano Kleber Cavalcanti Gomes, conhecido pelo nome artístico Criolo.

cristalizadas³. A proposta, portanto, é a de analisar a estratégia argumentativa do artista, focada na quebra de projeções metafóricas habituais para “desnaturalizar” experiências que, de tão solidificadas, já não são questionadas.

Dessa maneira, seguindo o percurso histórico teórico-conceitual, no caso da Psicologia Cognitiva, Clark (1996) define a linguagem como uma forma de ação conjunta, na qual os interlocutores coordenam, simultaneamente, processos individuais e sociais, compartilhando uma finalidade para a interação. Para Koch e Cunha-Lima (2005, p. 285), a linguagem precisa ser pensada, para além de uma ação conjunta, como uma ação social, visto que as “ações [...] não são realizações autônomas de sujeitos livres e iguais. São ações que se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente”.

Diante desses aspectos iniciais e tendo em vista também os estudos empreendidos pela Sociolinguística Variacionista a respeito da correlação dos aspectos linguísticos e sociais, nossa proposta avança com a união desses aparatos teóricos para a análise do objeto linguístico dessa pesquisa – como anunciado, a letra da canção “Não existe amor em SP”.

A Sociolinguística Variacionista, em sua vertente denominada 3ª onda – como atestam Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 922) – pretende incorporar a dinamicidade da estrutura, ou seja, “como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela”. Nesse ponto, Eckert (2005) postula que a 3ª onda trabalha da comunidade de fala para a comunidade de prática, isto é, está centrada na variação vista não como o reflexo do lugar social num ponto da escala, mas como um recurso para a construção de significado social. Assim, o foco que se estabelece para a análise está no significado social, independente de suas origens.

Nosso objetivo, portanto, é o de analisar estratégias argumentativas não convencionais, observando o comportamento social e cognitivo que permeia a letra da canção selecionada, além de um construto social sujeito a variadas práticas com

³ Consideramos as metáforas encontradas na canção analisada como “metáforas culturalmente cristalizadas” por serem compreendidas de forma semelhante pelos falantes da língua, ou seja, não há diferenças significativas nas projeções entre domínios. De uma maneira geral, falantes de língua portuguesa concebem, por exemplo, que uma metáfora que tenha como domínio-fonte a ideia de um buquê de flores será sempre entendida no sentido positivo, como um presente, com cores vivas, cheiro agradável, beleza etc. Uma projeção diferente exigiria uma negociação maior dos significados pretendidos entre os interlocutores.

interação entre si e com outras comunidades. Para isso, metáfora e variação linguística na construção de argumentos são utilizadas para provar como domínio-fonte e domínio-alvo operam e como o espaço social pode funcionar como um ponto em uma rede ou membro de um conjunto específico/um conjunto de grupos, ou ainda um ajustamento de características sociais, especialmente na construção de identidade.

A organização do nosso texto apresenta, nas seções seguintes, os caminhos teóricos adotados, a análise das estratégias argumentativas não convencionais na perspectiva da Linguística Cognitiva e da Sociolinguística Variacionista, além de nossas considerações finais e referências utilizadas.

CAMINHOS TEÓRICOS

A linguagem, dentro do paradigma cognitivista, é entendida como uma forma de ação no mundo, não modular, mas integrada com as outras capacidades cognitivas, em uma visão holística da mente humana, que considera a cognição como um conjunto de modos que se integram. De acordo com Fauconnier e Turner (2002, p. 11), um dos princípios da cognição humana que serve, consequentemente, a todos os modos da mente, esclarece como os sistemas da cognição se integram, os 3 Is da cognição, capacidade da mente humana de Identidade, Integração e Imaginação.

A identidade é a capacidade da mente humana de reconhecer que elementos podem estar em uma relação de igualdade, mesmo se apresentando de diferentes formas no ambiente real, ou seja, mesmo que as partes que os integram sejam diferentes. Na construção da identidade, a cognição humana, por meio do princípio de integração, organiza e integra diferentes domínios do conhecimento e, assim, é capaz de criar, reconhecer e conhecer. O princípio da Imaginação, por sua vez, demonstra que a previsibilidade nos resultados da integração do princípio anterior é apenas relativa, logo, os resultados não são em sua totalidade acessíveis previamente, são, antes, motivados pelas experiências perceptuais e motoras do ser humano e limitados pela interação e pela cultura.

Nessa perspectiva teórica, a experiência se encontra no centro das pesquisas sobre a razão humana, uma vez que é uma das bases dos processos de

conceptualização e categorização. Dessa maneira, o corpo deixa de ser entendido como apenas contexto de mecanismos cognitivos e passa a ser considerado cerne experiencial do pensamento.

Lakoff, em seu trabalho de 1987 e em outros estudos realizados em parceria com o filósofo Mark Johnson (1999 e 2002), apresenta esse papel decisivo da experiência na constituição da cognição humana com base em três premissas: a mente humana é inerentemente corporificada; conceitos abstratos são largamente metafóricos; e o pensamento é, em grande parte, inconsciente.

Em síntese, a primeira das premissas “A mente humana é inerentemente corporificada” sinaliza que a base de nossos sistemas conceituais emerge da experiência concreta de nossos corpos; a segunda, “Conceitos abstratos são largamente metafóricos”, remete à ideia de que o pensamento é, além de corporificado, imaginativo. Metáfora e metonímia são entendidas como mais do que meras figuras de linguagem, cujo uso é limitado aos contextos literários. Ambas as projeções figurativas fazem parte da linguagem cotidiana e revelam a maneira como categorizamos e conceptualizamos o mundo, estando presentes não só na linguagem, mas em nossas ações e pensamentos.

A terceira premissa “O pensamento é, em grande parte, inconsciente” expressa que a maior parte do nosso pensamento não é acessível à introspecção consciente direta dos indivíduos, dada a rapidez com que opera. Não temos, pois, consciência da corporificação da mente, nem da quantidade de metáforas que utilizamos na maior parte do tempo.

Para Lakoff e Johnson (2002, p. 48), a metonímia, presente na extensão dos processos de categorização, é definida como o uso de uma entidade para fazer referência à outra que seja relacionada a ela, como uma estratégia de referenciação e entendimento. A metáfora, por sua vez, é analisada em três tipos: estrutural – ao compreender e experienciar uma coisa em termos de outras; orientacional – ao organizar todo um sistema de conceitos em relação a orientações espaciais que têm por base as experiências físicas e culturais dos indivíduos; e ontológica – ao compreender experiências mais abstratas em termos de entidades e substâncias. DISCUSSÃO É GUERRA ou TEMPO É DINHEIRO são exemplos de metáforas estruturais; FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO são exemplos de

metáforas orientacionais; MENTE É UMA MÁQUINA ou INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE são exemplos de metáforas ontológicas.

Metáforas, ainda nos termos de Lakoff e Johnson (2002), são descritas como relações estáveis e sistemáticas entre dois domínios conceituais, compreendidas como parte essencial da vida cotidiana, por fundamentar tanto a linguagem quanto o pensamento e a ação humana. Conceitos concretos, formados a partir da experiência corpórea e cultural, fornecem a base para a compreensão de conceitos abstratos.

O mapeamento metafórico é estruturado por dois domínios: o domínio-fonte, que envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, e o domínio-alvo, geralmente mais abstrato. Nesse ponto, cumpre-nos ressaltar que o domínio-alvo é compreendido e experienciado a partir da projeção da estrutura conceitual do domínio-fonte; em outros termos, a fonte é responsável pela categorização de conceitos que determinam o que se quer dizer acerca do domínio alvo.

Para Fauconnier (1997), essas projeções ajudam quanto ao entendimento das intenções de falantes e se configuram como fontes de evidência acerca da negociação conceitual, ou seja, a projeção conceitual tem lugar entre espaços mentais. Nesse sentido, o teórico trabalha com 4 ou mais espaços mentais envolvidos nesse processo: domínio-fonte e domínio-alvo (espaços de *input*), espaço genérico (estrutura abstrata partilhada) e espaço-mescla/*blend* (onde se verifica a combinação de representações de espaços influentes e, por vezes, de outros espaços mentais).

A metáfora, portanto, é, certamente, mais que um recurso estilístico, uma vez que revela, como produto de intrincadas relações biológicas, sociais, históricas e culturais, a forma como categorizarmos o mundo, ao possibilitar a compreensão de um aspecto de um conceito em termos de outro, reforçando o papel central da experiência com o mundo para os processos de construção dos sentidos.

Os processos de significação e referenciação encontram-se em mútua relação com as estruturas de expectativa acionadas para a tarefa de compreensão das situações nas quais os usuários de uma língua se encontram. Tannen (1993) explica que, com base na experiência concreta, em uma dada cultura ou

combinação de culturas, o sujeito organiza seu conhecimento a respeito do mundo e o utiliza para prever as interpretações e as relações com informações novas, eventos e experiências. Esses modelos complexos de organização do conhecimento, dentro dos estudos linguísticos, em especial desenvolvidos, inicialmente, por Fillmore (1977, 1979, 1982, 2009), têm sido denominados *Frames*.

Na Semântica de *Frames*, o termo é caracterizado como “um pequeno resumo de uma ‘cena’ ou ‘situação’, de modo que, para compreender a estrutura semântica de um verbo, era necessário compreender as propriedades das cenas esquematizadas” (Fillmore, 1982, p. 115). Em sua publicação de 1979, Fillmore sinaliza a importância do entendimento do falante sobre as instituições sociais e as estruturas de experiência para a compreensão dos significados, isto é, o conhecimento do *frame* que estrutura a cena. Cada cena pode ser ativada por uma palavra do contexto que, ao acioná-la, também focaliza uma parte dela, instaurando uma perspectiva: “os significados são relativizados às cenas” (Fillmore, 1977, p. 59).

Em nossa proposta de análise, unimos a perspectiva cognitiva aqui esboçada ao aparato teórico-conceitual da 3ª onda de estudos variacionistas, cuja base se estrutura na ideia de dinamicidade na direção de se entender como a seleção de estruturas linguísticas se molda ao cotidiano, considerando os condicionamentos sociais e as relações de poder que atuam sobre elas. Para além disso, a compreensão do significado social na escala comunidade de fala-comunidade de prática.

Ao optarmos pela abordagem da 3ª onda em interface com uma perspectiva cognitiva, evidentemente, não desprezamos todo o legado variacionista desde Labov, mas, para o espaço que aqui temos, é necessário realizar tal recorte epistemológico. Em outros termos, além da ideia inicial das relações entre língua e sociedade, amplamente defendida pela Teoria da Variação e Mudança, frisamos o aspecto da significação social, a fim de promover a relação direta entre língua e identidade.

Nesse sentido, uma comunidade de prática pode ser definida como um agrupamento de pessoas com indivíduos cujos valores e conhecimento são comuns, tendo na interação a replicação ou não desses valores e conhecimentos, o que se configura como a prática propriamente. Em outros termos, é um construto social e, é

claro, está sujeito a variadas práticas com interação entre si e com outras comunidades, ou seja, traz uma concepção na qual, como indiciam Eckert e McConnell-Ginet (2010), o indivíduo é uma entidade à parte, permeando o espaço social, sendo que pode funcionar como um ponto em uma rede ou membro de um conjunto específico/um conjunto de grupos, ou ainda um ajustamento de características sociais.

Dessa maneira, o indivíduo se torna uma espécie de agente articulador de uma variedade de formas de participação em múltiplas comunidades de prática, com o propósito de se engajar em algum empreendimento comum em direção à construção de significado(s) social(is). Em outras palavras, como atesta Eckert (2005), a comunidade de prática amplifica possibilidades que envolvem a construção de uma orientação compartilhada sobre o mundo em seu entorno.

Eckert (2005) postula que toda variação tem potencial para receber significado social, ainda que nem toda variação seja conscientemente controlada ou mesmo socialmente significativa. Nesse sentido, a autora afirma que dar visibilidade aos complexos processos de elaboração de identidades, registros e estilos a partir da manipulação dos recursos das diferenças linguísticas no interior dos grupos sociais é fundamental para uma visão de linguagem como sistema adaptativo.

É importante, ainda, trazer a defesa de Freitag, Martins e Tavares (2012) a respeito de que a 3ª terceira onda adota o processo de construção de prática estilística como conceito-chave. Eles salientam que os estudos variacionistas anteriores tinham o estilo tratado com ajustes à (in)formalidade da situação mediante o uso de variáveis individuais, o que não considerava a identidade, que, em última instância, consiste em tipos particulares explicitamente localizados na ordem social, de modo que os falantes atribuem significado social à variação.

Com a união das bases teórico-conceituais aqui propostas, a análise busca o comportamento social e cognitivo que permeia a letra da canção selecionada, metáfora e outras figuras de linguagem, o construto social que circula nas práticas de interação, a construção de argumentos a partir da projeção entre domínios e o espaço social como um ponto em uma rede por meio de estratégias de uso da linguagem não convencionais para persuasão.

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NÃO CONVENCIONAIS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA E DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Em alguns autores clássicos da literatura em língua portuguesa, como Machado de Assis, é possível identificar narradores tão cuidadosamente construídos para contar uma história altamente tendenciosa como se fosse a única versão; no caso de Eça de Queirós, o uso do discurso indireto livre nos faz crer em determinados comportamentos das personagens quando, na verdade, não está claro se a fala é delas ou do narrador.

A argumentação no texto literário, em alguns estilos de época, se dá de forma velada; em outros, é a principal bandeira. Implícita ou explicitamente, convence trabalhando com estratégias argumentativas variadas e sem lidar, de imediato, com as tensões criadas mesmo antes da interação. A literatura, como uma das práticas sociais da linguagem, pode ser analisada também na sua ação argumentativa, com a particularidade de construir estratégias que agem persuadindo e permeando o senso comum sem trabalhar com gêneros nos quais predominam as estratégias argumentativas clássicas, nem anunciar previamente pelas expectativas criadas em relação às características relativamente estáveis desses gêneros.

Para a presente pesquisa, conforme anunciado na introdução, elegemos como instrumento linguístico de análise um objeto artístico com forte engajamento argumentativo: a letra da canção de Criolo, recortada abaixo:

Não existe amor em SP (Criolo) Não existe amor em SP Um labirinto místico Onde os grafites gritam Não dá pra descrever Numa linda frase De um postal tão doce Cuidado com doce São Paulo é um buquê Buquês são flores mortas Num lindo arranjo Arranjo lindo, feito pra você Não existe amor em SP Os bares estão cheios de almas tão vazias A ganância vibra, a vaidade excita
--

Devolva minha vida e morra
Afogada em seu próprio mar de féu
Aqui ninguém vai pro céu

Não precisa morrer pra ver Deus
Não precisa sofrer pra saber o que é melhor pra você
Encontro duas nuvens
Em cada escombro, em cada esquina
Me dê um gole de vida
Não precisa morrer pra ver Deus

Fonte: <https://www.letras.mus.br/criolo/1857556/>

A letra da canção de Criolo, formalmente, é um poema, gênero literário, cujo objetivo comunicativo principal não é, comumente, entendido como o de convencer ou persuadir seu interlocutor; no entanto, nesse texto, podemos afirmar que existe o plano global típico dos gêneros do agrupamento do argumentar – com questão polêmica, tese e argumentos. Nessa canção, então, nossa análise sustenta que a quebra de imagens naturalizadas em figuras de linguagem funciona como principal estratégia argumentativa não convencional.

Nessa perspectiva, já é possível identificar um primeiro aspecto relacionado à identidade, visto que o poeta localiza na ordem social alguns tipos de significado a que podemos associar, do ponto de vista teórico, ao que os estudos variacionistas da 3ª onda defendem quando Eckert (2005) indicia que a comunidade de prática amplifica possibilidades que envolvem a construção de uma orientação compartilhada sobre o mundo em seu entorno.

Assim, a argumentação que se desenvolve de maneira não típica – ou seja, sem os tradicionais argumentos de citação, comparação, senso comum, exemplificação *etc* –, em especial em textos literários, cuja finalidade em primeiro plano não é a de persuasão, são sempre muito intrigantes por agirem de forma sutil e, aparentemente, distanciada do pré-conflito anunciado em textos nos quais predominam a ação argumentativa de antemão (debate, anúncio publicitário, artigo de opinião, texto dissertativo argumentativo, entre outros).

Na música em questão, Criolo se posta como agente articulador, com o propósito de se engajar para construir uma rede de significações da ordem social, visibilizando as identidades por meio de processos que registram as diferenças

linguísticas no interior dos grupos sociais, como defende Eckert (2005), ao propor metáforas como “grafites gritam”, “ganância vibra” ou “gole de vida”, por exemplo.

Dessa maneira, em “Não existe amor em SP”, a argumentação é explícita, como arte engajada, que questiona, critica, reflete, age na sociedade, trata-se da defesa da tese de que não existe amor na cidade de São Paulo, por meio de argumentos construídos de maneira não convencional.

No verso metafórico “São Paulo é um buquê”, por exemplo, há uma projeção entre os domínios fonte (experiência com buquê de flores) e alvo (cidade de São Paulo). Culturalmente, projetamos, de nossas experiências com o recebimento de buquês em ocasiões festivas especiais, os aspectos do arranjo de flores relacionados às cores vivas, o cheiro perfumado, a beleza, a experiência com um presente:

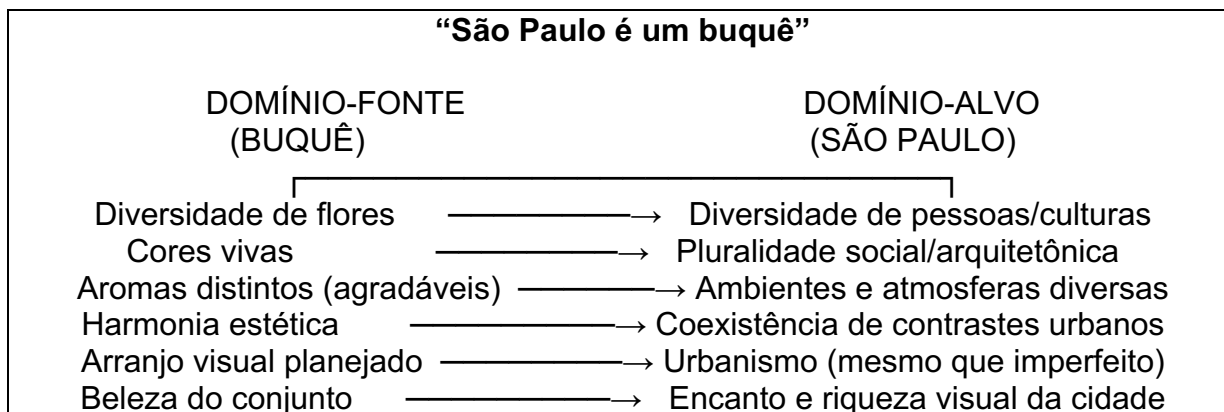


Figura 1: Esquemática da projeção entre domínios.

Quando o autor insere, na sequência, o verso “Buquê são flores mortas, num lindo arranjo” muda a projeção. “Flores mortas” desperta a consciência de que, ao serem cortadas para compor um arranjo, as flores aceleraram seu processo de morte. Assim, passamos à projeção do domínio-fonte (flores mortas) para o domínio-alvo (cidade de São Paulo): cores da decomposição, tons de marrom e cinza, cheiro de matéria orgânica em processo de decomposição, experiência com a morte: “São Paulo é um buquê/Buquês são flores mortas/Num lindo arranjo/Arranjo lindo, feito pra você”.

Podemos dizer, ainda, que o artista busca conectar aquilo que se tem denominado pela 3ª onda de estudos variacionistas como categorias sociais mais abstratas à ideia de engajamento, desenvolvendo meios, no caso a proposta de sua letra com metáforas da ordem argumentativa, para fazer com que sua canção se

traduza em uma construção cuja orientação pretende compartilhar em relação ao mundo a sua volta a adesão não só de um indivíduo para outro, mas também quanto a comunidades de prática.

Assim, tanto a estratégia de argumentação, que age de maneira direta na forma como concebemos, culturalmente, a experiência com o buquê de flores, quanto a noção de engajamento e identidade, levam à reflexão de que a cidade de São Paulo também representa o mesmo processo do buquê às flores mortas, do presente à morte, da vitalidade à decomposição:

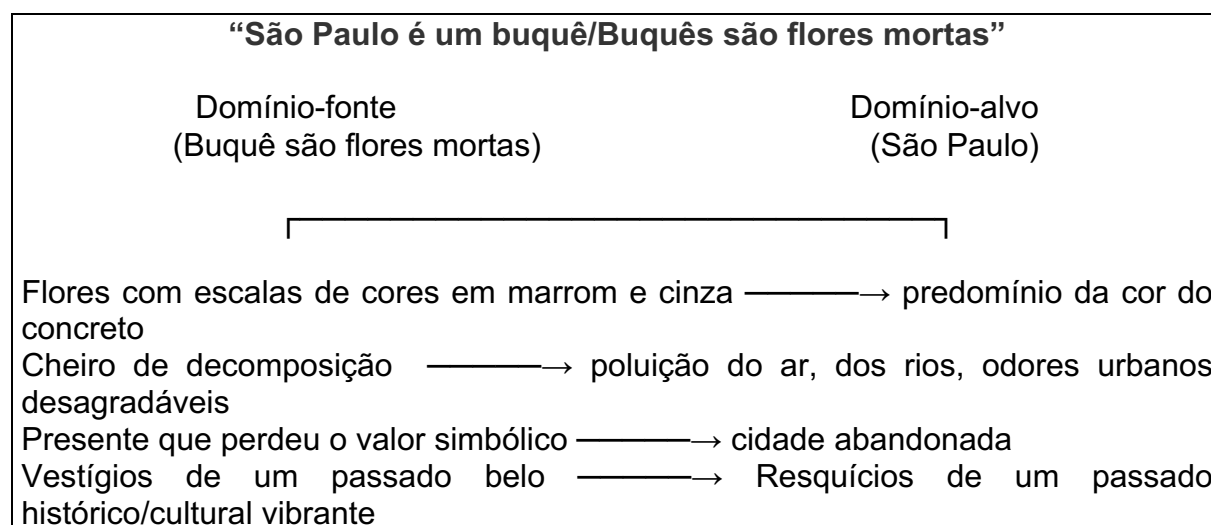


Figura 2: Esquematização da projeção entre domínios.

Prosseguindo, na sequência da metáfora, o autor utiliza a polissemia do substantivo “arranjo” e a anteposição/posposição do adjetivo como continuação da estratégia argumentativa: “Num lindo arranjo, arranjo lindo feito pra você”. Inicialmente, o substantivo, antecedido do adjetivo aponta para a conceptualização amplamente difundida em nossa sociedade a respeito da experiência com um buquê de flores. Em seguida, “arranjo”, com adjetivo “lindo” posposto, aponta para a significação de uma armação construída, propositalmente, de forma linda, para criar uma ilusão sobre “você”, interlocutor.

Aqui, com base na perspectiva variacionista, verifica-se como o estilo leva a uma identificação de grupo na construção de identidade, ou seja, implica certo grau de agentividade, mostrando o modo de interação fatores sociais/condicionamento de uso. Em outros termos, ao se pensar em comunidades de prática, observamos que a identidade não é apenas uma entidade social correlacionada a aspectos linguísticos,

mas, sim, ultrapassa e vai além, ela se constrói com valor simbólico que une características sociais e linguísticas, como o faz Criolo ao propor suas metáforas.

Mais uma passagem argumentativa importante da letra da canção está na visão ilusória que distorce a realidade de uma cidade na qual não há amor, e o reforço argumentativo se apresenta em outros versos da canção, também acionando a desconstrução de metáforas culturalmente projetadas de uma determinada maneira. Nesse aspecto, no verso “São Paulo é um labirinto místico”, o lado do fantástico da experiência mística é inicialmente acionado, mas o verso seguinte modifica a projeção: “onde os grafites gritam”. Nesse labirinto místico que é a cidade, a arte da periferia vem personificada na ação de “gritar”, verbo associado ao desespero, ao socorro, ao desconforto, à necessidade de se fazer ouvir: “Não existe amor em SP/Um labirinto místico/Onde os grafites gritam”.

Observando, portanto, uma dimensão variacionista como prática social, em seu escopo epistemológico de 3ª onda, fundamentamos em Eckert (2016) a noção de que Criolo se utiliza de um estilo intersubjetivo ao considerar o cenário social, integrando sistemas ideológico-culturais, isto é, aponta para (re)construção e projeção de personas/identidades de sujeitos agentivos e busca, com isso, não apenas a reflexão sobre o lugar que os sujeitos ocupam na sociedade, mas, também, como a adoção de um estilo calcado em metáfora desconstruída provoca/promove movimentos de mudanças na sociedade.

Em outro ponto do poema de Criolo, “São Paulo não dá para descrever/em uma linda frase/de um postal tão doce/cuidado com o doce”, mais uma vez, tem-se a construção semântica culturalmente aceita da experiência com postais: vivência de viagem, lembrança de pessoas queridas, pontos turísticos, como pode ser observado na esquematização a seguir:

“São Paulo não dá pra descrever/ em uma linda frase/ de um postal tão doce”

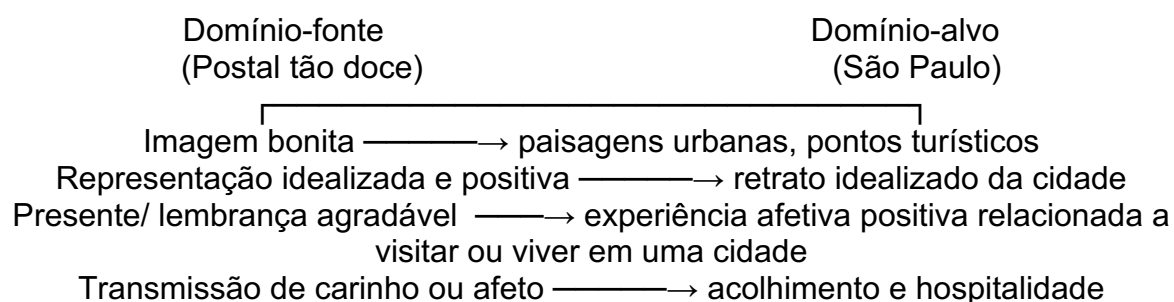


Figura 3: Esquemática da projeção entre domínios.

A recomendação “cuidado com o doce” desconstrói a projeção metafórica tradicional ao brincar com a polissemia do vocábulo “doce” que pode significar algo feito com muito açúcar, droga, ou, ironicamente, ações falsas. Logo, o mesmo recurso de argumentação, por meio do uso de figuras de linguagem, é utilizado para ressaltar a ilusão da cidade sem amor, construída para enganar: “Não dá pra descrever/Numa linda frase/De um postal tão doce/Cuidado com doce”.

Ao utilizar a polissemia para provocar construções metafóricas, o músico propõe que o significado social emerge das/nas práticas linguísticas situadas; em outras palavras, como sustenta Eckert (2018), é com a mobilização das inferências e observadas características, posturas e atitudes individuais, que a variação não apenas reflete, mas, e principalmente, (re)constrói o significado social, balizando significados construídos a partir do leque de significados que podem ser expressados e, com isso, como a variação pode interagir com outros sistemas na língua e nas comunidades de práticas.

Nossa análise, portanto, sustenta a existência de um uso sofisticado dos recursos figurativos da linguagem para a construção de um percurso argumentativo que age persuadindo sem explicitar as intenções comunicativas, tendo a construção do objeto artístico como suposto objetivo comunicativo principal, mas que, em segundo plano, age desestruturando conceptualizações já fortemente aceitas em nossa cultura.

Além disso, ao se pensar na construção do significado social, é fundamental a compreensão de que essa é permeada de alguns aspectos, como indicia Eckert (2018), ao destacar a construção de personas, a paisagem semiótica, a noção

agentiva, os movimentos estilísticos e a indexicalidade. Hernández-Campoy (2016), nesse ponto, chama atenção para o fato de que o estilo pode ser visto como co-ocorrência de recursos a partir de semioses distintas, desde a aparência física até posturas, assim como parte estruturante da (re)interpretação e da (re)construção de identidades.

Desse modo, corroborando nossa proposta, trazemos Eckert (2000), para quem variação se relaciona intimamente com lugares concretos, pessoas, estilos e, em simultaneidade, isso reverbera para a constituição de amplas categorias culturais como gênero, classe, etnia, região, observando-se que os significados propostos por Criolo, em sua canção, só podem emergir se partirem do nível mais local para padrões sociais mais amplos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a partir da combinação dos paradigmas teóricos da Linguística Cognitiva e da Sociolinguística Variacionista, analisamos a letra da canção “Não existe amor em SP”, de Criolo, com foco nas estratégias argumentativas exploradas na construção do texto literário em questão. Nesse processo analítico, observamos a elaboração das metáforas situadas textualmente que agem no interlocutor de forma a convencê-lo a partir da desestruturação das projeções naturalizadas culturalmente, jogando luz em elementos até então não focalizados nas relações entre domínios fonte e alvo.

O trabalho com a linguagem figurada, mais especificamente a metáfora, funciona, assim, como uma ferramenta que enriquece o argumento, justamente por levar à desautomatização de projeções metafóricas com grau de aceitabilidade não contestado pelos falantes. O estranhamento causado pela mudança de enfoques na projeção metafórica age persuadindo por colocar em conflito pontos antes situados nas áreas sombreadas: a luz na beleza, cores e cheiro das flores, por exemplo, vira sombra na construção “Buquê são flores mortas”.

Tais observações investigativas somam-se a outros estudos linguísticos (por exemplo, os trabalhos da linguista Solange Coelho Vereza, da Universidade Federal Fluminense; os do linguista Dalby Dienstbach, do Instituto DX) que apontam a metáfora no discurso como uma estratégia para aprimoramento criativo de

argumentos ao brincar com as possibilidades de mapeamento entre domínios, especialmente nos mapeamentos relevantes para a ação de convencimento, enquanto sombreia projeções no alvo que estavam, até o momento, fortemente aceitas por determinadas comunidades de fala.

Dessa forma, este estudo abre caminho para o aprofundamento analítico nesta perspectiva, com a busca de outros usos linguísticos que trazem as figuras de linguagem como estratégia argumentativa nos discursos. E, mais, observado o diálogo com a perspectiva variacionista da terceira onda (Eckert, 2005, 2016, 2018), a fim de compreender como a construção de identidades e estilos se entrelaça às práticas discursivas. Assim, unir as teorias na busca de conjugar comportamento social e cognitivo propiciou a compreensão do construto social nas práticas de interação, na construção de argumentos como domínio-fonte e domínio-alvo e no espaço social, considerando uma rede por meio de estratégias de uso da linguagem não convencionais para persuasão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLARK, H. H. **Using Language**. Cambridge: Cambridge University, 1996.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**: the linguistic construction of social meaning in Bel-ten High. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. Variation, Convention and social meaning. Paper presented at **The Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland CA, jan. 7, 2005.

_____; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde coabitam linguagem, gênero e poder. In OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Orgs.). **Linguagem, gênero, sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola, 2010. p.93-108.

_____. **Third wave variationism**. Oxford Handbooks Online, 2016.

_____. **Meaning and linguistic variation**: the third wave in sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press. 2018.

FAUCONNIER, G. **Mapeamentos em pensamento e linguagem**. Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. Nova York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. The case for case reopened. *In* COLE, P.; SADDOCK, J. (eds.). **Gramatical relations**. New York: Academic Press, 1977.

_____. Topics in lexical semantics. *In* COLE, P. **Currents Issues in Linguistic Theory**. Indiana University Press, 1979.

_____. Frame semantics. The linguistic society of Korea. **Linguistics in the morning calm**. Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.

_____. Semântica de frames. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 25, jul-dez, 2009.

FREITAG, R. M.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Brazilian Portuguese sociolinguistic databases and third wave studies: potentialities and limitations. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 907-934, 2012.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. **Sociolinguistic styles**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2016.

KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In* MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2005.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Philosophy in the Flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

TANNEN, D. **Framing in Discourse**. Oxford University Press: 1993.